

○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 50\$00. Estrangeiro 80\$00

EDITORIAL

No virar da última página do calendário seria curial rever o que foi feito no ano que agora morre e perspectivar o novo em termos de obras futuras.

Infelizmente a nossa Câmara Municipal está a revelar uma acção tão sedutora e bloqueada que agora já se não sabe se aquilo que foi conseguido ontem continuará a sê-lo amanhã.

É o caso dos terrenos do Bom Jesus, é o complemento ao subsídio das obras do Salão, é a concretização de um novo plano de urbanização de Ofir, é, em suma, todo um conjunto de obras necessárias à revitalização da nossa terra.

ELEIÇÕES ANTECIPADAS, JÁ!

Como vai ser? O que acontecerá? Nunca se sabe. E tudo porquê?

A Câmara está parada, ou antes, ficou ao contrário.

Com efeito lemos no nosso colega «Jornal de Esposende» que no dia 19 de Dezembro reuniu o Executivo Municipal para debater o Plano e Orçamento de 1989. Os projectos apresentados foram chumbados, ficando-se a dever tal chumbo «à posição assumida pelo vereador Pedro Marques, do C.D.S. que, entretanto assumiu as funções após 45 dias de auto-suspensão e que, como se sabe, é de total e sistemática oposição pessoal para com a «líder» da sua bancada».

Foi aprovada uma outra proposta segundo a qual os novos Plano e Orçamento serão elaborados com a participação de todos os elementos do Executivo. O que na prática significa que quem vai passar a mandar na Câmara de Esposende será a Oposição, à revelia das últimas eleições autárquicas.

Diz ainda o nosso colega: «Tal como se previa, a reunião não foi totalmente pacífica. Em atitudes menos correctas, próprias de gente malcriada, foram-se trocando piropos e agressões verbais entre ps vereadores».

Lá a história dos piropos e agressões verbais não nos chocaram muito. Acontecem em muito boa parte e até entre os civilizados ingleses. A postura dos dois principais partidos essa é que é preocupante. As acusações são mútuas e até graves acusações. As pessoas ficam perplexas, mudas, espantadas. Uma coisa é certa: a Câmara não anda.

É urgente que isto mude. Como? À porra-da? Com novas eleições? Com um levantamento popular?

Parece-nos que eleições antecipadas viam repôr a verdade.

O PERFIL DO MÊS

Por ARMANDO SARAIVA

MEDINA, PINTOR UNIVERSAL?

Com o desaparecimento de Henrique Medina o universo das artes ficou mais pobre, pobre não porque tenha desaparecido o acervo das obras produzidas, mas apenas porque outros trabalhos, porventura já agendados em mente, deixaram de poder ser produzidos.

Artista polémico? Sem dúvida, porventura o artista português mais discutível de todos os tempos. Digamos que a inteligentzia portuguesa de dividiu ao meio na apreciação, uns elevando-o à categoria de génio universal, outros não o referenciando sequer numa sinopse da arte portuguesa.

Um crítico de arte com bastante reputação, Rui Mário Gonçalves, no artigo que escreveu para o 10.º volume da História de Arte, de J. Pijoan, artigo que se intitula «Aspectos da Arte Moderna Portuguesa», entre várias dezenas, muitas dezenas de artistas nacionais, não cita o nome de Henrique Medina.



H. MEDINA — Auto retrato

Em compensação, Carlos Malheiro Dias, no Ensaio sobre Henrique Medina (1936), refere-se-lhe como «o maior prodígio nascente da arte contemporânea portuguesa». Por sua vez o Prof. Luís Reis Santos que na Faculdade de Letras de Coimbra regia a cadeira de História de Arte, no prefácio a esta última obra, diz entre outras coisas: «De uma sinceridade espontânea e singela, que a sua prodigiosa maneira pessoal serve com inexcusável probidade, esta comunicativa imagem (auto-retrato de Medina) ficará na história das Belas Artes com das obras mais

primorosas no seu género da pintura moderna e contemporânea». Porquê estas duas atitudes «antípodas»? No nosso entender um certo silêncio ou uma certa cortina de silêncio feita à volta de Medina arrasta ineludível conotação política que se reforça — pensamos que se deve ter reforçado — com a publicação do já citado opúsculo de C. M. Dias. É lá revelado, num certo tom entusiástico, que Medina pintou o retrato de Mussolini. O mesmo C.M.D., quando se refere ao Dume faz dele um predestinado histórico. «(Henrique Medina) deixa-se envolver pelo poder magnético daquele formidável homem de acção, daquela personagem histórica que com mãos possantes remodelou a pátria». E mais à frente: «o jovem pintor que se propunha imortalizar na tela o homem (Mussolini) já imortalizado na história».

Assim enquadrados, todos os elogios feitos a Medina na referida obra serviram-lhe de epitáfio e, por isso, pensamos que o penumbamento do artista portuense desencadeado pela progressista intelectualidade lusa começou aqui (1936).

É certo que o leit motif da separação era o academismo, o naturalismo, o tradicionalismo, o realismo seguido por Medina que jamais se deixou tentar pelas modernas correntes de pintura: expressionismo, dadaísmo, pauvismo, cubismo, e outras correntes futuristas. O que aparentemente se censurava em Medina era a falta de originalidade de estilo. E o facto de ser um retratista. Um retratista mais de alta sociedade. Em suma, um pintor burguês fácil.

Vamos raciocinar com o auxílio da História. Raciocinar para se dizer que estas últimas acusações eram ou foram inconsistentes para explicar o tal albeamento feito à sua pessoa.

Diz-nos Herbert Read no seu livro «O Significado da Arte» que praticamente desde as origens do aparecimento da arte a representação do rosto humano parece encerrar a eterna aspiração do homem a compreender-se a si mesmo. Quase todas as civilizações e quase todos os artistas têm experimentado o fascínio de interrogar esse aspecto da personalidade humana que é o rosto.

O retrato é no entanto a última fase, talvez a mais complexa da arte de pintar e muito definidor de uma obra de arte e do valor de um artista. O busto da rainha Nefertit (1300-a.C.) foi a obra prima de arte de Tell-el-Amarna. Hans Holbein, o Moço, ficou célebre como pintor, por ter sido um dos melhores retratistas de todos os tempos. Ticiano pintou Carlos V. Charles le Brun foi o pintor da corte do Rei-Sol. François Boucher era protegido de Luís XV. Etc., etc., etc., etc. ...

(Continua na pág. 2)

MEDINA, PINTOR UNIVERSAL?

(Continuado da pág. 1)

Donde se infere que a História não testemunha favoravelmente a exclusão de Henrique Medina da História da Arte em Portugal.

Relendo o já citado artigo de Rui M. Gonçalves, verificamos que ele cita como pintores naturalistas José Malhoa, Carlos Reis, Júlio Ramos, Marques de Oliveira, Columbano, Eduardo Malta, homens situados no séc. XX e que fundamentalmente se interessaram pela arte oitocentista. Os únicos pintores portugueses iniciados na arte moderna, em princípios de novecentos, foram Eduardo Viana, Amadeu de Sousa Cardoso, Guilherme de Santa Rita e Almada Negreiros.

arte? Claro que aqui entraríamos numa discussão académica de muitos séculos. Muito liminarmente afirmamos que a arte ou a função de arte é a captação — comunicação do existente, e do pensável ou impensável, em moldes que proporcionem agradabilidade. É evidente que a referida agradabilidade ou emoção causada nos indivíduos pelo efeito plástico depende da sensibilidade artística natural e de uma certa cultura artística existente naqueles.

Medina preferenciou a natureza, nomeadamente a figura humana, enfatizando sobretudo o olhar e as mãos para nos transmitir o essente do indivíduo. Aproximou-se e seguiu o trilho daqueles que

A reqlidade para Medina era o carácter do homem, o permanente na sua vida ou o essencial numa determinada fase ou instante. Era esse desvelar da personalidade que ele atingia em plenitude e que mundialmente o consagrou. Disse dele o reitor da Universidade da Califórnia, Quentin Reger: «Está em Los Angeles um jovem artista cuja obra alguns críticos e conhecedores reputam igual se não superior às dos maiores mestres dos séculos XVIII e XIX.»

Rejeitado por uma certa facção artística nacional, coube no entanto a Henrique Medina a grande honra de ser biografado por René Huyge, da Academia francesa, crítico internacional de arte renomado que viu no nosso compatriota um dos génios universais da pintura.

BIBLIOGRAFIA:

História de Arte — J. Pijoan
Um ensaio sobre o pintor
Henrique Medina — Carlos Malheiro Dias
O Significado da Arte — Herbert Read
Medina e as mãos na sua arte — Pedro Rocamora
Para compreender a pintura — Lionello Venturi



O Director de «O Novo Fanguero» no atelier do pintor

Porque não foi lembrado no grupo naturalista, ou nas proximidades dele, Henrique Medina? O facto de o refugiado de Góios se especializar ou dedicar quase exclusivamente ao retrato, de predominância o retrato burguês, ter-lhe-ai retirado o estatuto de artista?

O que é ser artista? O que é pintar com

defendem que a arte é uma cópia da natureza.

É certo que fazer arte não consiste em imitar a natureza. Digamos que esta é o assunto, o tema por excelência do artista. Mas o pintor tem que a interpretar exactamente como lembrava Rembrandt: o artista não pinta o que vê, mas o que lhe parece ver.

AMARGURA

Andar por aí, de beira em beira
vivendo de qualquer maneira.
Sem o calor da lareira,
sem herdar nenhuma leira,
sem ter malhos, sem ter eira,
sem ter grãos nem espigueira,
sem ter vintém na algibeira.
Sem para si nascer o Sol,
nem sequer a treva escura.
Sem ter casa para nascer,
sem ter a rua para correr,
na vida conseguir crescer
mesmo até algo vencer,
livre como o rouxinol
no seu cantar de ternura.

E entre aquela liberdade
sonhar com a felicidade,
e deitar de lado a humildade
e conquistar certa amizade,
mas, sem parar tudo... a idade,
fez alimentar a saudade
e enganar a fome altaneira.
E em pranto de dor
acabar em mau lamento
o bom afago de momento.
Acabar preso tormento
rodar livre como catavento
para o lado que dá o vento.
Depois a brisa se acalma
mas o vazio da alma
é chama que faz fogueira.

Andar por aí, de beira em beira,
vivendo de qualquer maneira.

ZÉ DA NOCA — 88/07/15

ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, LDA.

- RECEITUÁRIO MÉDICO
- LENTES DE CONTACTO
- ÓCULOS DE SOL
- APARELHOS DE PRECISÃO

IMPETUS

UM GRUPO EM EXPANSÃO UMA CERTA AMBIÊNCIA FAMILIAR

Em 1973 eram só quatro empregadas: M. Adelaide Arantes Carvalho, M. de Fátima da Quinta Lopes, M. do Sameiro Ferreira Martins e M. do Sameiro G. dos Santos.

Hoje são 493 pessoas, afora a Gerência e ainda Consultores e Colaboradores. A facturação que em 84 não atingia os 600.000 contos alcançou em 88 os dois milhões. Dois autocarros estão ao serviço do transporte do pessoal. Os filhos dos trabalhadores são participados nos estudos. Estão em projecto para construção imediata um poli-desportivo e um restaurante que se destinam aos funcionários. A batalha da competição e qualidade transformou-se em vitória.

1992: entrada de Portugal sem mais peias protectoras no grande arcótipo da indústria europeia. Parece-nos ser esse o grande mérito e êxito de Alberto Figueiredo: investir, investir sempre em tecnologia de ponta. Daí que ele proclame com orgulho: «nunca tivemos uma devolução.» aliás pudemos verificar no gráfico inserido no Boletim Comemorativo um gasto crescente no sector tecnológico: 152.222 mil contos em 84 e 625.000 em 88. Os números falam por si.

No Hotel Ofir realizou-se um almoço com a actuação do grande artista Fernando Pereira. Encheu a sala. Cantou, imitou, contou anedotas, ripostou aos «apartes», foi verdadeiramente espectacular.

Além da tecnologia avançada, um outro aspecto nos surpreendeu no grupo liderado pela sociedade Figueiredo & Mariz. É o óptimo relacionamento que existe entre a Gerência e Trabalhadores. É outra chave do sucesso do grupo. Tanto José Carlos Pinto da Costa que falou em Barqueiros como José António Fonseca que usou da palavra em Ofir confirmaram esta nossa impressão, impressão que se avolumou quando nos demos conta que a gerente Dona Emília conhecia os nomes dos seus funcionários, se não de todos, de quase todos.

Alberto Figueiredo, ao agradecer as homenagens, referiu também esse entrosamento servindo-se de uma imagem: *Impetus* é uma pirâmide de que a Gerência é o vértice e o pessoal é a base. «Se nós somos importantes para vocês, vocês também são importantes para nós».

Impetus, uma referência económica no Distrito. Uma referencial social no Concelho.



Alberto Figueiredo: «Se nós somos importantes para vocês, vocês também são importantes para nós».

Estamos a falar do grupo empresarial *Impetus* que, como o próprio nome sugere e os resultados demonstram, está animado de um ímpeto imparável desde as primeiras horas da sua formação.

Como já demos notícia no número anterior, o grupo *Impetus* celebrou no passado dia 10 de Dezembro o 15.º aniversário, que foi festejado de um modo especial pelos trabalhadores das várias empresas. Às 11 horas foi rezada missa na Igreja Paroquial de Apúlia pelo P. Manuel Alberto Gonçalves da Silva. Às 12 o Pessoal das fábricas, Gerência e Colaboradores reuniram-se nas instalações de Barqueiros onde foi descerrada uma placa evocativa.

Por amável deferência do empresário Alberto Figueiredo, pudemos ver o sector da Informática e verificar com visível agrado que as empresas integradas no grupo *Impetus* estão preparadas e a preparar-se para a onda de choque de

O PERFIL DO MÊS PASSADO (Belmira Calafate)

Pessoa amiga fez-nos chegar às mãos alguns nomes de antigas alunas de Belmira Calafate. Ei-los:

Tina Eufrásia, Lurdes Cubelo (irmã dos Padres Cubelos), Milorca Maçarica, Quina Beirão (Esposende), Alice Regada, Herondina, Candinha Barros (Esposende), Alice Lameira (Esposende).

ESCOLA DE GUITARRA

Está tudo a postos para que no dia 15 se iniciem as inscrições para lições de guitarra clássica e guitarra portuguesa.

As aulas funcionarão numa das salas Amorim Campos e o professor será o nosso conterrâneo e bem conhecido guitarra Mário Belo.

Será que Fão vai saber corresponder?

O MUNDO EM QUE VIVEMOS

ENTRE AS LÁGRIMAS E O RISO

A animação transbordante da cidade fervilhava no ar da noite luminosa e quente.

Na Baía de Guanabara, ancoravam as mais diversas embarcações, vistosamente engalanadas, emprestando às águas do mar revérberos da sua cor e da sua luz. Em alegre expectativa, contavam-se os já escassos minutos que separavam o Ano Velho do Ano Novo.

Um iate, o «Mouche-4», aproximava-se para se integrar na alegria comum. A bordo, as pessoas confraternizavam, divertiam-se, na antecipação de uma festa que, afinal, não chegariam a viver.

Lotação excessiva, uma onda mais forte e — apenas em meio minuto — o iate foi engolido pelo mar e com ele grande número dos seus passageiros.

Tão breve o lapso de tempo, mas o bastante para silenciar os risos e abrir caminho às lágrimas, para que a euforia se transmutasse em tragédia.

O mar, esse mar que ora se mostra sereno e calmo, a recolher o azul do céu ou o brilho das estrelas, ora crispado na violência incontida das vagas assassinas, tinha quebrado a magia daquela hora que só acontece uma vez por ano.

Entretanto, os festejos prosseguiram noutros lugares, enquanto ali se choravam as vidas tão cruelmente ceifadas.

E foi um pouco assim por toda a parte: a felicidade a par com a desolação, a esperança com o desalento, a felicidade de uns ao lado da mágoa dos outros.

De resto, não há que estranhar. Se pensarmos bem, afinal o que é Vida senão uma viagem que todos nós temos que fazer — por entre as lágrimas e o riso?...



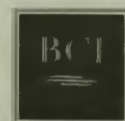
Sr. João Silva Santos — Gerente

Abertura da Agência, dia 15 de Dezembro de 1988.

PÓVOA DE VARZIM além de um Banco acaba de ganhar soluções para os seus negócios.

Somos um Banco com uma identidade, um estilo de agir seguro, activo e moderno. Aliando a personalização com uma competente equipa de especialistas, profissionais experientes, preparados para o atender, apresentamos soluções

com rapidez, discrição e eficácia. No futuro os seus negócios na Póvoa de Varzim contam com a dinâmica e o amplo conjunto de serviços do BCI. Estamos na:
Av. Mouzinho de Albuquerque, 44
(instalações provisórias)



Banco de Comércio e Indústria, S.A.
um Banco de soluções



Banco de Comércio e Indústria, S.A.

Somos um Banco privado que oferece aos seus clientes um amplo conjunto de serviços, inseridos numa dinâmica onde a segurança, a modernidade e a acção são tónicas dominantes.

Utilizamos as mais avançadas tecnologias bancárias para lhe garantir flexibilidade e rapidez nas tomadas de decisão e importantes vantagens no quotidiano da gestão das suas contas.

Temos por norma um constante aperfeiçoamento e a criação de permanentes benefícios para os nossos clientes, apresentando soluções diferenciadas e prestando-lhes um atendimento personalizado, discreto e eficaz.

Aos Particulares — acrescentamos às operações bancárias tradicionais um conjunto de serviços que inclui:

- Elevada remuneração dos depósitos à ordem que pode ir até 6% ao ano;
- Possibilidade de acesso ao Cartão BCI Premier;
- Aplicações em Obrigações, Acções e Bilhetes do Tesouro;
- Aplicações no Fundo Mobiliário FIPOR;
- Créditos pessoais;
- Conta BCI Valor, um novo conceito de poupança.

Às Empresas — oferecemos todo o dinamismo em operações de banca tradicionais, quer de âmbito Nacional quer de Estrangeiro, prestando um acompanhamento cuidado e um leque de serviços que inclui:

- Gestão de Tesouraria;
- Rapidez na análise e decisão sobre as operações;
- Acesso ao Cartão BCI Premier;
- Acesso ao Cartão BCI Empresa.

Confirme pessoalmente as vantagens de trabalhar com o BCI.
Consulte-nos
Somos um Banco de soluções.

PÓVOA DE VARZIM

Uma equipa de especialistas, com larga experiência profissional,
ao seu inteiro dispor.

Sr. João Silva Santos — Gerente

Sr. Cerejeira Castro — Sub-Gerente

Sr. José Alberto Moura — Técnico Comercial

Av. Mouzinho de Albuquerque, 44
PÓVOA DE VARZIM (Instalações provisórias)

AINDA O CASO DO PARQUE AUTOMÓVEL DO HOTEL DO PINHAL

— Recebemos de Aníbal Soares a carta e uma certidão de um parecer jurídico que publicamos na íntegra —

Caro dr. Saraiva,

Aqui vai o parecer jurídico sobre a propriedade dos terrenos onde desde há muito (cerca de 4 anos) se instalou o parque de automóveis do Hotel do Pinhal.

Creio que pela sua extrema clareza e isenção, acabaram as «4 dúvidas», às quais eu, (pelos vistos ironicamente), já tinha dado resposta no «Novo Fangeiro» de Novembro.

Penso que com a sua publicação na totalidade todos os fangeiros as vão achar «convincentes» e «conclusivas».

Peço-lhe ainda que publique umas palavras em resposta ao sr Arquitecto Júlio de Oliveira, que ocuparão muito menos espaço do que ele gastou e para nada, conforme vou demonstrar:

— Sr. arquitecto, etc., etc. (pelos vistos as outras actividades a que se dedica ofendem-no), apresente factos e não opiniões.

— É assim que se começa, quem pretende, como o senhor, também se ingerir no foro jurídico, chegando ao cúmulo de «pretender» revogar o Diário do Governo (vidé último parágrafo da primeira parte que escreve).

— Veja se consegue fazer-se compreender pelo tal «fangeiro médio» (eu pensava que fossem todos iguais), pois desta vez nem os «grandes» o perceberam.

— Congratulando-me ao verificar que tenho plena razão, afirmando a sua polivalência e mais ainda eficácia: especialista também em fossas, eu desconhecía; com efeito, ou a técnica não avançou, ou o senhor é um verdadeiro percursor, nessa área.

— Não se excuse para isso com os vizinhos, e lembre-se de que «não há fumo sem fogo»; das minhas fossas e das dos outros ninguém se queixou; se calhar o cheirinho do

Norte vem de Viana (talvez da Celnorte...).

— Os meus «telhados de vidro» estão à mostra, e as minhas portas estão franqueadas a toda a gente, e as suas?

— Quem atirou a primeira pedra foi o Senhor; se quiser continue.

— Usucapião! Leia o parecer jurídico e lembro-lhe: «Spateiro não toques Rabeção». Só absurdidades.

— Restante arrazoado: opiniões perfeitamente desactualizadas e juízos de valor sem interesse.

— *Carta ao Director-Geral de Portos*: Se é grave faltar à verdade (à sua verdade), pior é dizer e escrever mentiras. O parecer jurídico demonstra que nem a Direcção-Geral de Portos, nem a Presidência da Câmara de Esposende eram compostos de incompetentes. É óbvio que o referido parecer jurídico foi apenas para obstar a opiniões como as suas, emitidas de má fé, já que os actuais responsáveis autárquicos também não são tolos.

Classificar de mentirosas as afirmações feitas é até dar-lhe demasiada categoria.

Eu diria que frases do tipo: «mudar o leito do rio»; «proprietários confinantes com o Rio Cávado»; «zona inundada todo o ano pelas águas do rio...»; «zona do Domínio público Hídrico»; «obras vedaram o acesso àquele rio por parte de todos aqueles que o queiram utilizar»; «licenças... (um muro autorizado há quase 5 anos!)»; «prejuízos para os interesses do Estado.. e de dois particulares...»; «que nem sequer cumpre o alimento...»; frases suas deste tipo, dizia, são demonstrativas do que está por trás de tudo isto e das finalidades pouco turísticas que pretendem atingir. No mínimo, cobrindo de ridículo quem as escreve, para não dizer pior. Sugiro-lhe simplesmente, bem como aos seus apoiantes, (cóm assinaturas ilegíveis), que recorram aos tribunais em lugar de tentar movimentar influências «de corredores».

Se o Sr. Arquitecto Santiago Boissel, em particular, não estiver de acordo com o alinhamento do muro que separa as nossas duas propriedades, que mais não é do que o prolongamento daquele que foi mandado construir por seu pai, que não pense empolar esta rixa de vizinhos tão comum, procurando apoios até de uma população com quem nunca conviveu, e apresentando argumentos incoerentes. Os tribunais existem para isso também.

Denunciante do inexistente por razões de óbvia inveja, já estou farto.

Em tempo:

Como primeiro acto administrativo, sobre o assunto, a Câmara, dado que «afinal», os terrenos são mesmo meus, entendeu e muito bem o ponto n.º 2 das conclusões do parecer jurídico e pretende agora pôr em dúvida o que anteriormente sempre soube, visto estar à mostra.

A menos que esteja impressionada pelas tais assinaturas ilegíveis.

A inexistência da habitual licença de construção deverá, «face ao parecer jurídico» e em consideração que a obra está no seu grosso completamente acabada desde há muito, justifica-se pelo facto da Câmara pensar que o terreno era público, tendo por isso eu pago indevidamente o aluguer de um ano.

Dado que a Câmara não se opôs às obras feitas na altura, o máximo que poderá agora

exigir é, por um lado o pagamento da licença de construção com valores de 1985 e por outro a devolução do montante do aluguer atrás referido.

Qualquer outras atitude não será mais do que uma inexplicável acção política, que visará a antiga Câmara, do malgrado Presidente Eng.º Alexandre Losa, que não só começou por dar a ideia do parque, como ainda o demarcou pessoalmente e até no local, como é sobejamente conhecido.

Da forma como o parque se encontrava nessa data, possuímos um levantamento oficial e respectivas fotos.

Se não querem que embeze o parque, em particular a sua entrada, com flores, etc., etc., não me culpem a mim de falta de estética, mais tarde.

Aníbal Soares

★

CONSTRUÇÃO DE PARQUE DE ESTACIONAMENTO

Por MITUR - Sociedade Turística do Minho, Lda.

A. Pelos elementos que foram postos à minha disposição, constata-se os seguintes factos:

1. Por deliberação de 17/12/84 da Câmara Municipal de Esposende foi concedida a MITUR - Sociedade Turística do Minho, Lda, a viabilidade de construção de um parque de estacionamento no lugar da Junqueira, da freguesia de Fão, do concelho de Esposende, «nas condições do parecer da Junta de Freguesia de Fão»;

2. O que foi comunicado à Direcção Geral dos Portos por ofício de 4/1/85;

3. Por despacho de 15/5/85 foi concedida àquela sociedade licença de ocupação de 9.600 m² «de terreno público no lugar da Junqueira-Fão, destinado a parque de estacionamento», pelo que

4. Foi emitido o alvará de licença n.º 8, de 27/5/85;

5. Por sua vez, a Direcção Geral dos Portos concedeu a Constâncio Araújo & Companhia, Lda, a licença n.º 2/85 (substituída pelas licenças n.º 1.013/86 e 372/88), «para construção de um parque de estacionamento junto do Hotel do Pinhal - Ofir»;

6. Por despacho de 12/6/56, foi aprovado em Conselho de Ministros o auto de demarcação de 17/8/55 dos terrenos de Artur Cupertino de Miranda com o domínio público marítimo, no local em causa, publicado no Diário do Governo n.º 285, II Série, de 7/12/57.

7. Em Setembro de 1988, levantando-se dúvidas quanto à propriedade dos terrenos em que foi implantado o referido parque de estacionamento, Aníbal Soares apresentou (por duas vezes) documentos para comprovar a propriedade privada dos mesmos.

8. Pergunta a Câmara Municipal de Esposende (deliberação de 6/10/88) qual a titularidade do terreno onde foi implantado o referido parque e qual a competência dessa Câmara no licenciamento das obras de vedação.

B. A resposta àquela pergunta assenta na natureza do terreno ou terrenos em que foi implantado o referido parque de estacionamento.

Trata-se de uma parcela de terreno que fica situada entre o Hotel do Pinhal e o Rio Cávado.

Ora, o decreto-Lei n.º 468-71, de 5 de Novembro (Lei dos terrenos do Domínio Hídrico) define o regime dos terrenos conexos com as águas públicas (como é o caso do Rio Cávado), em três categorias: «leitos», «margens» e «zonas adjacentes».

(Continua na pág. 8)



ENTRE PINHAL E MAR, JUNTO AO RIO...

É na Costa Verde, em pleno coração do Minho, na orla do frondoso pinhal de Ofir e frente ao belo estuário do Rio Cávado, a escassos minutos a pé do extenso areal da praia de Ofir.
É nesta soberba paisagem, uma das mais belas do país, onde a fragrância dos pinheiros se une ao ar marítimo, impregnado de iodo, ambiente ideal para repousar e passar, que se ergue o



HOTEL DO PINHAL ☆ ☆ ☆

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)

Um hotel de 1.ª classe. Com quartos. Bares. Restaurantes com especialidades minhotas. Terrços. Jardins. Relvedos. Piscinas. Ténis.

PONTOS DE VISTA

Por QUIM DE FÃO

— A Ponte: A velha e a nova. A metálica, de ferro, fim do século. A de betão século XXI.

— Lá para as bandas do Caldeirão, entre as Pedreiras e Fonte Boa, vai nascer uma nova ponte que vai matar Fão.

— Mas matar um moribundo é a entanásia dos destituídos.

— Vamos ter uma ponte que nos vai cortar «rente» as Clarinhas, os Pápás, frangos e companhia...

— Porquê? É que nós, fangueiros, não temos acesso à ponte.

— Esta estrada nacional, n.º 13, passa a ser — a estrada velha.

— Vejam o que aconteceu à estrada que liga a curva da ponte à Casa Amarela! Vai ser, mais ou menos, o que vai acontecer a esta. Sem exageros.

— Vejam o que aconteceu a Âncora, com a variante!

— Ainda não perceberam? Eu explico-me melhor!

— Quem vem do Porto e era «obrigado» a passar em Fão, mesmo com destino a Viana, a Espanha, parava. Comprava Clarinhas, comia um frango, via os cacos-velhos, comia peixe fresco, na Rita, e depois seguia. E agora?

— Agora, logo que a ponte esteja pronta e atuante, vê Fão por um Canudo...

— Se quiser alcançar a ponte, sabe onde tem de ir? A Críaz... a Esposende... a Forjães. Só isto....

— Se a ponte une Fão a Ofir — sic — é mesmo mortal. É que o Ofir apenas vive dois a três meses no ano. No máximo cem dias. E ou outros?

— Ainda se não convenceram que o Turismo não alimenta Fão?

— Estabeçam uma comparação entre quantos fangueiros trabalham na Impetus, quanto ganham e quantos trabalham nos hotéis.

— Mais nos valia uma Impetus do que outros tantos «Ofires» — passe a publicidade.

— Além do mais, o empregado fabril trabalha todo o ano a cem por cento. E o sazonal? Como o nome indica é «sócio» do Fundo de Desemprego, seis meses no ano.

— Mas já que temos tantas «belezas» naturais, tanto pulmão, tanto ar puro... por que não o aproveitamos, deixando construir em parcelas mais pequenas?

— Ainda temos milhares de metros de pinhal para oxigenar os infezadinhos. Deixem os fangueiros oxigenar as carteiras, multiplicando as habitações, criando postos de trabalho, dando vida «divina» ao burgo, durante todo o ano.

— NO Inverno, a nossa terra parece uma velhinha descaracterizada e rota onde o sal sulcuro nos rostos carcomidos os vendais do sul.

— Bom! Lá para o ano, eu prometo que vou arranjar um acesso directo de Fão à ponte nova. Mas só se «votarem» em mim...

Claro que eu depois esqueço a promessa e do

puleiro, levando a crista e canto de gozo...

— O caminho das Traseiras (com esse) das Pedreiras vai ser «restaurado» e alargado. Há quem diga que alcatroado, vulgo «piche». Alargado, só do lado onde já há residências — Norte. Por que não se alargou do lado sul, que não tem residências? Dará para entender?

— Em carta-aberta ao «Novo Fangueiro» foi denunciada a poluição do nosso rio pelas Torres de Ofir, pelo combóio de Ofir... Só faltou acrescentar «Tinturarias» candongas; restaurantes e particulares que fazem do rio Cávado fossa líquida de tanta (cinco letras)...

— Por que «batem» nas Tinturarias de Barcelos, Perelhal e Companhia?

Será para ocultar as nossas?

— E aquele tractor-cisterna que pela calada da noite, dia sim, dia sim, despeja líquido, que líquido? no Cávado, a norte da ponte?

— Apúlia, a vila nova, vai ter uma Escola Secundária, tal como Esposende, tal como Forjães. Parabéns!

— É nós? Vamos receber, por passagem de testemunho, o título que Apúlia ostentava. Só este: «Vila miséria».

— Só nos falta a cultura da cebola...

— Nem tudo é mau. O Natal trouxe-nos uma encantadora iluminação na ponte. E os lampreiros aproveitaram a ocasião... de ter mais luz...

— Mas, quem põe cobro a esta situação? Já não podemos circular na ponte sem o coração a ritmo de locomotiva?

— No ano passado, quantos acidentes provocaram? Indirectamente, claro...

— Por que razão, não obrigam estes amadores a «fiscar» só do passeio?

— Será permitido, todo o cão e gato, criança ou adulto pegar uma fiska e colocar-se, de sentinela, com o rabo de fora, rabo da fiska, claro, à espera do primeiro automóvel?

— Enquanto é tempo, e para que não apareçam inscrições nos paredes de suporte, acabe-se com aquela anarquia. Ou então, ponham uma placa, a 100 metros, de aviso: «Pesca à lampreia. Reduza a velocidade. Tome as precauções devidas. Pode ser fiscado».

— Já não nos basta aturar as «vaquinhas», vamos ter, de agora em diante, as fiskas.

— Já lhe chamaram «chocho» ao «Novo Fangueiro». Agora chamam-lhe outras coisas. Preso por ter cão... preso por não ter.

— Os elementos/candidatos à Junta de Freguesia pediram o anonimato, por enquanto. Ainda é cedo para a campanha.

— Afinal, não vejo razões para tanto segredo. O actual Presidente, diz-se, vai subir de posto. Portanto, vai deixar vago o lugar. É bom que apareça quem o substitua para o lugar não ficar «frio». Sempre são cerca de quarenta notas de mil para o trio. E com a inflação e impostos autárquicos, contem com 80 notas tipo Dona Maria. Nada mau.

Somos heróis do mar: Conquistamos impérios.

— Somos heróis de Fão: Conquistamos terrenos. A moda pegou. Tarrafal-moderno; vizinho do Tarrafal; praceta de Ofir — vulgo bomba; passeios a ladear vivendas — com autorização presidencial — diz-se.

— Para a próxima há mais em agenda... declarada.

INCÊNDIO

Incêndios na terra fangueira, em casas de habitação, são raros. Mas às vezes acontecem. Foi o que sucedeu ao nosso amigo Júlio de Sá Pereira. Há uns tempos atrás comprou a casa que foi do saudoso Coronel Zeferino Sequeira. E o Júlio passou a ser um ferrinho em Fão e no Zé Barbeiro a dar uma de futebol.

No dia, ou melhor, na noite de 29 de Dezembro, a sua casa começou a arder. Foi no andar de cima, por causa de uma «salamandra» mal encostada a um barrote.

Quando os da casa deram por ela, já as labaredas eram de monta. Acorreram os Bombeiros de Fão que acabaram por dominar o sinistro. Com certo custo e «gags» à mistura.

FÃO em contraste

Por JOSÉ RAMOS DA SILVA

Dr. Manuel Paes, natural de Barcelos e par do reino, grande amigo de Fão, adquiriu alguns dinheiros dos poderes públicos de então, para expropriar alguns velhos prédios para a construção da avenida que tem hoje o seu nome.

se fosse possível ele dar uma espreitadela a este mundo, certamente que se sentiria orgulhoso de sua obra. Pois ela é sem dúvida omcoração de Fão, o seu ex-libris.

A vida ali palpita a todo o momento. Nos seus passeios discute-se desde o futebol à política e nada escapa às conversas dos seus utentes.

A Avenida Dr. Manuel Paes, juntamente com o Curtinhal, são sem dúvida a sala de visitas de Fão.

O Curtinhal com os seus jardins bem tratados, não faltando mesmo o seu chafariz ao centro, é um convite para todos aqueles que precisam de um ambiente de tranquilidade e sossegado.

Tendo como pano de fundo o rio Cávado, os seus jardins são frequentados não só pelos residentes como também por grande parte dos turistas que nos visitam.

Mas o Curtinhal também tem as suas feridas que gostaríamos de ver curadas.

No seu extremo e mesmo em cima do passeio, existe lá um enorme contentor, que é nem mais nem menos do que um posto de transformação de energia eléctrica que os então Serviços Municipalizados, colocaram provisoriamente ali em cima do passeio para reforço da rede de distribuição provisoriamente ali em cima do passeio para reforço da rede de distribuição.

Só que esses Serviços passaram para a EDP e esta herdou uma situação que parece não ter nenhuma pressa em resolver, dado que já lá vão uma boa meia dúzia de anos que aquele mostrengo ali se encontra e não se vislumbra no horizonte nenhuma solução para o problema.

Parece que o povo de Fão já se habituou a ver aquilo como um monumento à incapacidade dos homens.

AO PINTOR HENRIQUE MEDINA

Na galeria das grandes figuras,
Em que o astro da arte ilumina,
Repousa no eterno das alturas
O grande pintor Henrique Medina.

O seu esplendor de crepes se cobre;
O arco-íris chorou no funeral!
No «só» já dizia António Nobre:
Mês de Novembro! 30! Mês fatal.

Neste século, um génio apareceu,
E a glória do seu nome brilhou
Em terras que à Pátria, mercês traz.

O sol, em reverência escureceu,
Num romper de aurora que desmaiou,
E a Natureza o contempla onde jaz!

EDUARDO ANTÓNIO

A BRASILEIRA
PORTO

Nós somos café

CONSTRUÇÃO DO PARQUE DE ESTACIONAMENTO

(Continuado da pág. 6)

Assim, aquele diploma qualifica:

a) — «leito», o terreno coberto pelas águas, quando não influenciadas por cheias extraordinárias, inundações ou tempestades, nela se compreendendo os mouchões, lodeiros e areias nele formados por deposição aluvial (art.º 1.º);

b) — «margem», uma faixa de terreno contígua ou sobranceira à linha que limita o leito das águas (art.º 2.º);

c) — «zona adjacente», toda a área contígua à margem que como tal seja classificada por decreto, por se encontrar ameaçada pelo mar ou pelas cheias (art.º 3.º).

Não sendo o terreno em causa «leito» do Rio Cávado nem «Zona adjacente» (não se conhece, pelo menos não consta do processo, decreto a classificar como tal qualquer área contígua à margem do Rio Cávado), pode o mesmo ser incluído na sua «margem».

Ora, nos termos do art.º 5.º daquele diploma as «margens» podem ser do domínio público do Estado ou objecto de propriedade privada, sujeitos a servidões administrativas.

E nos termos do art.º 10.º do mesmo diploma, a delimitação das *margens dominiais* confinantes com terrenos de outra natureza, compete ao Estado, que será homologado pelos Ministros da marinha e publicada no Diário do Governo (hoje Diário da República).

Como se constata, da enumeração dos factos, a delimitação (ou seja, alinha de separação) entre o domínio público marítimo e os terrenos privados (na altura pertencentes a Artur Cupertino de Miranda) foi efectuada por auto de marcação de 17/8/55, homologado em 12/6/56, pelo Conselho de Ministros (entidade então competente para a homologação) e publicada no jornal oficial (Diário do Governo).

Isto significa que à delimitação efectuada em 1955 foi conferida certeza e segurança, uma vez que foi homologada por um acto administrativo, definitivo e executório, com natureza semelhante à do caso julgado.

Só através dos tribunais do contencioso administrativo é que o erro ou vício de que porventura enfermasse, aquela delimitação poderia ser impugnada.

Ora isso, ao que se saiba, não aconteceu, pelo que a mesma é subsistente e válida.

Na verdade, os efeitos da delimitação dos terrenos do domínio público hídrico são os de conferir estabilidade à situação, sem embargo de poder vir a ser alterado em face de «condições naturais susceptíveis de verificação muito significativa», co-

mo será o caso de haver recuo das águas ou o seu avanço (neste sentido ver Diogo Freitas do Amaral e José Pedro Fernandes, em «Comentário à Lei dos terrenos do Domínio Hídrico»).

Assim, definida a delimitação entre o domínio público hídrico (ou seja a «margem» do Rio Cávado) e o terreno privado, dúvidas não podem haver quanto à competência para o licenciamento de obras.

Na verdade, o domínio público hídrico pode ser utilizado por todos, sem qualquer autorização.

A sua utilização por algum ou alguns particulares confere a estes um «uso privativo», cujo consentimento só pode ser prestado, através de licença (acto unilateral) ou concessão (contrato) pela entidade competente — art.º 17 e seguintes do referido Decreto-Lei n.º 468/71.

A entidade competente para aquele licenciamento (com ou sem a realização de obras) é actualmente, para o local em causa, a Direcção-Geral dos Portos, com dinamo do art.º 24 do Decreto-Lei n.º 488/71 (neste sentido ver obra citada, págs. 169 e seguintes).

Em relação às obras que sejam executadas em terreno particular (para além do domínio público hídrico) já a competência para o seu licenciamento pertence à câmara Municipal, nos termos do Decreto-Lei n.º 166/70, de 15 de Abril.

Por isso, a licença emitida em 27/5/85 pela Câmara Municipal não está correcta, porquanto não se trata de ocupação da via pública (como melhor se verá a seguir), mas o licenciamento de obras de construção, como é o caso da pavimentação do parque e da sua vedação.

Do exposto resulta ainda, que dos elementos de facto que foram postos à minha disposição, não há quaisquer indícios de que o terreno excedente à linha de delimitação do domínio público hídrico seja do domínio público municipal.

Não se vislumbra qual o domínio em causa (circulação?) e qual o título de apropriação.

Pelo contrário, os indícios (para não dizer certezas) de que é terreno particular são notórios, como se mostra dos documentos juntos, designadamente derivados da presunção do registo predial (art.º 7.º do Código de registo Predial).

Assim, e em conclusão:

1. P consentimento para «uso privativo» — construção de parque de estacionamento privado — em terreno do domínio público hídrico, delimitado por acto do Conselho de Ministros e publicado no jornal oficial, é da competência da Direcção-Geral de Portos;

2. O licenciamento para a construção do mesmo parque em terreno particular (na parte em que excede aquela delimitação), consistente na sua pa-

vimentação e vedação é da competência da Câmara Municipal;

3. Todos os elementos existentes no processo apontam para que este último terreno seja considerado particular.

Guimarães, 18 de Novembro de 1988

O ADVOGADO,
(assinatura ilegível)

AUMENTE O SEU COLESTEROL!

Neste início do Novo Ano, esperamos que, com tanta coisa boa, tanta doçaria e petiscos, o colesterol tenha dado uma subida de respeito...

No entanto, vamos tentar contribuir para a continuação dessa subida, com

MÃO DE VACA COM MOLHO DE VILÃO

Depois de escaldada, raspada e partida a mão de vitela, põe-se ao lume numa panela com água, sal, pimenta em grão, cravo da Índia, e um raminho de salsa. Deixa-se ferver, com a panela tapada, até a parte gelatinosa se destacar bem dos ossos. Então desossa-se, corta-se em pedaços e serve-se, depois de regada com o seguinte molho:

MOLHO DE VILÃO:

Azeite — q.b.
Vinagre — metade da quantidade de azeite. (Convém ser vinagre branco).
Cebola — q.b., picada muito miudinha.
Salsa — q.b., também muito picadinha.
Sal refinado e pimenta em pó — q.b.

Mistura-se tudo isto, mexendo bem, e rega-se a mão de vaca.

Para a merenda, umas

BOLACHAS DOS CONVIDADOS

Farinha — 300 gramas.
Manteiga — 200 gramas.
Açúcar — 180 gramas.
Ovos inteiros — 2.
Fermento em pó — 1 colher de chá.
Junta-se tudo e trabalha-se bem a massa. depois, estende-se bem com o rolo e cortam-se as bolachas com as bordas de um copo.
Por fim, vão ao forno em tabuleiro untado com manteiga e polvilhado com farinha.

E, neste primeiro mês de 1989, apresenta os melhores votos de Feliz Ano Novo e boa subida do colesterol, a vossa amiga

TIA MARIQUINHAS.

ÀS GARAGENS

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- TESTES ELECTRÓNICOS
- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUNAS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRÁULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MÁQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

REIMELI, LDA.

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 — TELEF. 691018 — TELEX 23623 — 4100 PORTO
AGENTE EM FÃO: JOÃO EMÍLIO SÁ PEREIRA — TELEF. 961845

PRIOR DE FÃO NOMEADO VICE-ARCIPRESTE

O Arcebispo de Braga nomeou vice-arcipreste o actual pároco de Fão, P.e José Vilar, que assim colaborará nas tarefas do arciprestado, juntamente com Monseñor Baptista de Sousa.

Esta distinção premeia todo o labor pastoral desenvolvido pelo P.e Vilar na terra de Fão, onde aliás se manterá como prior, cargo que com muita dignidade e bom senso tem desempenhado.

Esperando vê-lo por muitos anos entre nós «O Novo Fangeiro» saúda o Pároco de Fão, enviando-lhe sinceros parabéns.

PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! Nesta primeira «Página Jovem» de 1989, vão para todos os melhores votos de que este novo ano seja pródigo em saúde, alegria, êxitos escolares e... pouca preguiça para colaborarem nesta vossa página!

O SONHO

*Estranha forma de viver,
Estranha forma de sentir.
O olhar não chega
Ao que a imaginação pode atingir.*

*Escapatória do mal,
Fuga aos desgostos.
Entrada para o mundo ideal
O sonho, tudo...*

*Triste ilusão camuflada,
Triste alma desgastada!
Triste vida
O sonho, nada...*

PAULO SERAFIM

PAUSA PARA SORRIR

Numa agência de empregos. Um homem inscreve-se para obter colocação.

O funcionário pergunta-lhe:

— Qual é a sua profissão?

— Sou caçador de feras — responde o candidato.

— Em que região? — interroga o funcionário.

— Na região minhota — esclarece o homem.

— Mas no Minho não há feras! — admira-se o funcionário.

— Pois não, — confirma o sujeito — por isso é que estou desempregado...

★

Conversa entre dois malucos:

1.º maluco — olha para o céu e diz para o outro:

— «Vai chover!»

2.º maluco, furioso, volta-se para o 1.º exclamando:

«Vai tu!»...

★

Em casa. Na sala o marido lê o jornal enquanto a esposa faz tricô. A certa altura, ele exclama:

— Vê lá, mulher! Na América, um tufão varreu uma cidade inteira num minuto!

A mulher suspira e desabafa:

— Pois é! Só a nossa criada demora mais de meia hora para varrer a cozinha!

★

A mamã orgulhosa do seu menino conta à vizinha:

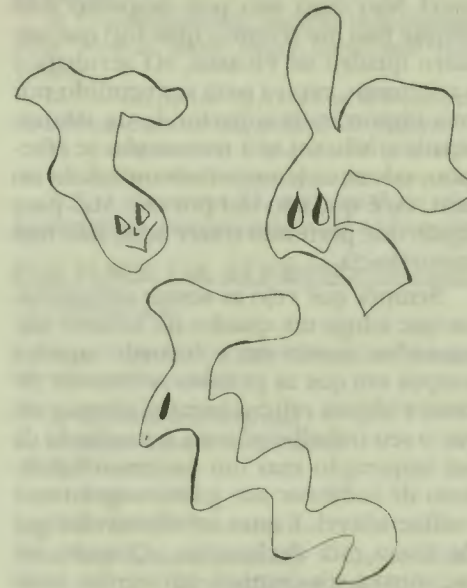
— Sabe, minha amiga, estou muito feliz.

O meu filho ganhou um prémio no colégio.

Responde a outra:

— Calculo, minha amiga, calculo; eu sei dar valor porque já passei pela mesma emoção quando o meu porco ganhou uma medalha numa exposição de pecuária!...

SERFIA



Desenho de TÂNIA GONÇALVES

QUERO...

Quero rasgar
As entranhas do destino.
Fazer de conta
Que o futuro não caminha
Ao meu encontro.
Chorar,
Com os destroços dos humanos,
Purificando a minha essência.
Preciso de querer o Bem,
Que o Mal já habita
Na minha natureza,
Nos gritos selvagens
Que perturbam a minha paz.
Quero querer a vida,
Negando-me o direito de morrer
À estranha consciência
De mim própria.
Quero que baste
Aquilo que não me chega.
E que esta busca
Se resuma no próprio acto
De não saber.
E contentar-me
Com um simples olhar
Neste infinito
Mundo de lágrimas!...

SERFIA

ESTA FOLHA TEM O PATROCÍNIO DE

Impetus

ENTREVISTA

(Continuado do n.º anterior)

Aqui cabe falar da responsabilidade e apoio que o F.A.O.J., as associações e o gabinete do Ministro da Juventude devem proporcionar aos jovens.

E foi com este intuito — que apotos dar à nossa juventude? — que resolvemos entrevistar o Doutor Manuel Barros, Delegado do F.A.O.J. em Braga.

★

«CONSIDERO-ME UM CARREIRISTA»

Entrevistadora — Quem é, qual a missão e como foi nomeado para o cargo de Delegado Regional do F.A.O.J. o Doutor Manuel Barros?

Dr. M. B. — Antes de mais, sou uma pessoa licenciada em Ciências Humanas. Actualmente, desempenho o cargo de delegado regional do F.A.O.J. em Braga.

A minha missão como delegado do F.A.O.J. é fazer com que se concretizem todos os objectivos previstos pelo Governo no âmbito da política integrada de juventude.

Considero-me de certa forma um «carreirista» em termos de participação no associativismo juvenil, pois desde cedo fiz parte de várias associações juvenis, nomeadamente, fui presidente da Associação de Estudantes da minha Faculdade.

Fui nomeado para este cargo essencialmente por uma análise curricular, ou seja, por se ver que reunia condições para assumir este cargo. O responsável pela minha nomeação foi o actual Ministro da Juventude, na altura Secretário de Estado.

Entrevistadora — O que é o F.A.O.J. e quais os seus objectivos?

Dr. M. B. — O F.A.O.J. é um organismo da administração pública que está directamente dependente do Ministro Adjunto e da Juventude. Tem como objectivos específicos a formação de animadores e dirigentes juvenis, a informação à juventude como acesso ao máximo de oportunidades por parte dos jovens, o intercâmbio de jovens, o intercâmbio de jovens (como enriquecimento da formação cultural dos mesmos), o apoio às associações juvenis, aparecendo estas nas suas diferentes vertentes.

O F.A.O.J. é no fundo a estrutura, a nível regional, que põe em prática todas as directrizes lançadas pelo Governo, no âmbito da política integrada da juventude em Portugal.

(Continua)

FUTEBOL

AVELEDA, 1 — FÃO, 1

Jogo sem grande história, contra adversário que joga no campeonato dos mais fracos. O empate fora é sempre positivo e moralizador.

FÃO, 0 — MAXIMINENSE, 0

Jogar contra o 1.º classificado é sempre um bom teste. Efectivamente os nossos jogadores lutaram com brio de princípio ao fim, e mereciam melhor resultado.

Assim não quis o sr. árbitro, nascido para os lados de Braga, ao invalidar um golo limpo, em recarga de pontapé de grande penalidade, incompletamente defendida pelo guarda-redes adversário.

Com a sorte pelo lado do adversário, mais uma vez demonstramos que a «prata da casa» é uma aposta séria!

TADIM, 0 — FÃO, 1

Jogo francamente mau para se poder saborear a primeira vitória do nosso «time». Efectivamente foi jogo de pontapé para o ar e fé em Deus. Falhámos escandalosamente duas oportunidades na segunda parte e por fim fomos apertados por uma equipa que sem dúvida é das mais fraquinhas.

Assim não gostámos de ver o nosso Fão!

NA REDACÇÃO

Apesar de termos aumentado excepcionalmente as páginas do jornal, não podemos inserir as conclusões sobre o 14.º Congresso da APAVT bem como uma referência a uma reportagem sobre o «Pinhal de Ofir» inserto em «O Primeiro de Janeiro» de 25 de Dezembro p.p.

Tão pouco não nos foi possível fazer uma alusão crítica ao Rouxinol, órgão da Escola Primária de Fão, saído no Natal de 1988.

Pensamos recuperar estes atrasos no próximo número.

QUANTO VALE «UM PICASSO»

Há algumas semanas, os jornais noticiaram que o quadro «Maternidade», de Pablo Picasso, pintado em 1921 no «período azul», fora vendido, num leilão de Nova Iorque, por cerca de 25 milhões de dólares (à volta de 375 mil contos!) o que se tornou neste século um recorde de venda para uma obra de arte. Recentemente li num periódico qualquer (qualquer? Não digo isto por desprezo mas porque não me recordo qual foi) que um outro quadro de Picasso, «O acrobata e o arlequim», estava para ser vendido por uma importância superior ao da «Maternidade». Não sei se a transacção se efectuou, talvez os jaonais tenham falado no caso, eu é que não dei por ela. Mas para aquilo que pretendo trazer aqui, não tem importância.

Sempre que vejo as somas astronómicas que atinge um quadro do famoso malaguenho, sorrio-me e recordo aqueles tempos em que as pessoas se riam de Picasso e alguns críticos baratos afirmavam que o seu trabalho não era o resultado da sua inspiração mas um processo habilidoso de ludibriar um público ignorante e influenciável. E estes até afirmavam que ele fizera esta declaração: «Quando me encontro a sós comigo, não tenho coragem para pensar em mim como artista, no grandioso e velho sentido da palavra. giotto, Ticiano, Rembrandt e Goya foram grandes pintores; eu sou apenas um malabarista que compreendeu a sua época e soube agitar o melhor que pôde a imbecilidade, a vaidade e a cupidez dos seus contemporâneos. É uma amarga confissão, mais dolorosa do que poderá parecer, mas tem o mérito de ser sincera».

Isto está escrito, é verdade, mas Picasso nunca disse tal coisa. O autor dessas palavras é o célebre escritor italiano Giovanni Papini que as «atribui» ao pin-

tor numa entrevista puramente imaginária inserta num livro de ficção onde tudo é inventado com fins literários e não como realidade.

De qualquer forma, essa pretensa declaração não lhe assenta. É que ele foi um artista sério, tão sério que com razão pôde dizer: «Tudo o que fiz foi feito para o presente e com a esperança de que sempre permanecerá presente». Tão sério e tão sincero que mereceu ser homenageado com a Grande Exposição de Paris (visitada por multidões de todo o mundo) à qual chegaram, vindo de todos os continentes, flores e telegramas — homenagem como nunca se prestou em toda a história da humanidade e a que se associou o próprio governo francês. Tão autêntico que pela sua arte se tornou doutor «honoris causa» pela Universidade de Paris. Tão genial que o poeta Pablo Neruda, quando o pintor morreu, lamentou-se assim: «É como se ao mundo tivessem arrancado um continente». Tão apreciado e popular que até os próprios nazis ocupantes de Paris, onde Picasso vivia, se viram obrigados a respeitá-lo — a ele que era conhecido como comunista!

Era, sem dúvida, um artista extraordinário que ficará para sempre, a letras de ouro, na História da Humanidade, como o reinventor da pintura.

E agora, leitor, penso que já pode responder ao título deste artigo: Quanto vale «Um Picasso»?

J. AUGUSTO

CUMPRIMENTOS DE BOAS FESTAS

Tiveram a gentileza de nos enviar Boas Festas: Dr.ª Arminda Santos, Porto; Odete Piroto, Lisboa; Eng. Rúben Agonia Pereira, Lisboa; dr. Teodoro Bettencourt de Sousa, Porto; João Barros, Porto; dr.ª Ângela Soeiro, Portimão; Casa do Minho, Lisboa; Florinda e Fernando Almeida, Porto; Deputado Eng. António F. Ribeiro; Direcção regional de Entre-Douro-e-Minho; Ivone e António Torres, França; Manuel Morais e Amândio Caramalho, Brasil; e o Delegado no Porto da Direcção-Geral da Comunicação Social, dr. Diálino Esteves.

A todos o nosso muito obrigado.

BCI: Dez agências em funcionamento

Com a recente abertura, no início do mês, de uma agência em S. Domingos de Rana (Parede) e com a inauguração, dia 15 de Dezembro, de uma outra na Póvoa de Varzim o BCI - Banco de Comércio e Indústria, S.A. completa já uma rede de dez agências.

Cumprindo o seu plano de expansão o BCI abriu, em 1988, seis novos balcões. Sendo três no sul — Torres Vedras, Amadora e S. Domingos de Rana — e três no norte — Av. dos Aliados (Porto), Vila Nova de Famalicão, e agora Póvoa de Varzim.

No fim do ano o Banco projecta atingir um total do activo líquido de 60 milhões de contos, uma carteira de crédito de 37,7 milhões de contos e resultados antes de impostos da ordem dos 1,6 milhões de contos.



Um desenho de Artur Faria conseguido pelo «nosso» Fernando Almeida para «O Novo Fangeiro», a propósito da mudança de ano

FOLHA AGRÍCOLA

por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA DA ALFACE

(Continuado do número anterior)

Queremos, antes de mais, pedir desculpas aos nossos estimados leitores pelos erros de impressão existentes na «Folha Agrícola» do n.º anterior.

Assim:

1.º — No ponto 2, onde se lê necessita de + 60 dias deve ler-se ± 60 dias.

2.º — No ponto 5 onde se lê *destruçado* deve ler-se *desterroado*.

3.º — No ponto 5, onde se lê *a planta deve ler-se A plantação* deve ser feita à rasa.

4.º — No ponto 6, onde se lê *Coura de Paris* deve ler-se *Loura de Paris*.

5.º — No ponto 8 (alínea a) onde se lê *superfície* de cálcio deve ler-se *superfosfato* de cálcio.

6.º — No ponto 8, onde se lê *complesal fluid 1+4-6*, deve ler-se *complesal fluid 12-4-6*.

7.º — No ponto 12, onde se lê *anidrio* de carbónico deve ler-se *anidrio carbónico*.

8.º — No ponto 13, onde se lê *a regra* por aspersão deve ler-se *a rega* por aspersão.

9.º — No ponto 14, onde se lê *ao nível* da inspecção deve ler-se *ao nível* da inserção.

CULTURA DA ALFACE (Continuação)

15) DOENÇAS

As principais doenças que costumam atacar esta cultura são:

- Mal branco (Bremia)
- Bolor Cinzento (Botritis)
- Rizoctónia
- Septoriose
- Esclerotínia

a) **Mal Branco (Bremia):** — Os sintomas desta doença manifestam-se na *página superior das folhas* por zonas pálidas que chegam a atingir 1 centímetro de diâmetro. Na *página inferior* formam um micélio aveludado em correspondência com as manchas atrás referidas. As manchas chegam a unir-se umas às outras e adquirem a coloração parda. Como tratamento preventivo a esta doença aconselhamos a utilização de *variedades resistentes*.

Como *tratamento químico* para o combate a esta doença deverão utilizar o **DEROSAL**

com uma dosagem de 100 gramas em 100 litros de água aplicados em pulverização.

b) **Bolor Cinzento (Botritis):** — Aparecem *grandes manchas aquosas nas folhas mais velhas*, que se tornam amarelas e depois cobrem-se rapidamente por um *bolor de coloração acinzentada*.

JOSÉ GOMES AMORIM MARQUES & FILHO LDA



Adubos Químicos • Insecticidas
Sementes Horticolas • Batata de Semente •
Importador Exportador

SEDE
A-Ver-o-Mar ☎ 681765 PÓVOA VARZIM
FILIAL
R Filipa Borges ☎ 812199 BARCELOS

Quando o *tempo decorre húmido* as plantas ficam *cobertas por um micélio branco*.

Quando o ambiente é seco produz-se uma *podridão seca* evidenciada por uma *coloração parda ou negra*.

Para controlarem eficientemente esta doença terão de usar o **DEROSAL** numa *dosagem de 75 a 100 gramas por cada 100 litros de água*. A aplicação deve ser feita em pulverização molhando bem as plantas.

Poderão utilizar em *alternativa com o DEROSAL*, outro fungicida como seja o **BENIATE** com *dosagem idêntica*.

c) **Rizoctónia:** — Duma maneira geral aparece em plantas adultas. Nos pecíolos e nervuras centrais das folhas localizadas na parte inferior das plantas, formam-se lesões necróticas, que quando se alargam podem abranger todo o pecíolo. Na *superfície dos mesmos órgãos aparece uma exsudação característica*. Todas as folhas podem ficar infestadas de fora para dentro. Na fase final de ataque desta doença as «*cabeças*» das alfaces transformam-se numa massa putrefacta que, progressivamente vai secando e escurecendo. Como tratamento aconselhamos a *desinfecção dos terrenos* utilizando o fungicida de nome **DEROSAL** numa dosagem de 250 a 500 gramas em cada 100 litros de água, com a aplicação em pulverização em alto volume.

d) **Septoriose:** — Esta doença tem menos importância de que as referidas anteriormente, no entanto, por vezes causa alguns prejuízos.

Duma maneira geral ataca as folhas mais velhas, apresentando manchas, que se localizam na parte inferior das plantas.

Esta doença pode também ser tratada com o **DEROSAL** com uma *dosagem de 100 gramas em 100 litros de água em pulverização a alto volume*. Podem usar também outros fungicidas à base de **ZINEB** ou **MANEB**, ou então o **VITANEBC** com uma *dosagem de 400 gramas em 100 litros de água, aplicados em alto volume*.

(Continua na pág. 10)

DEZPC



BATATA SEMENTE
DE ALTA QUALIDADE!
PRODUZIDA NA HOLANDA!

COOPERATIVA OBTENTORA DE VARIEDADES MUITO PRECOSES - PRECOSES
SEMI PRECOSES - SEMI TARDIAS E TARDIAS COM EXCELENTES
CARACTERÍSTICAS PARA PRIMORES. CONSUMO. EXPORTAÇÃO E INDÚSTRIA:

DESIREE - JAERLA - BARAKA - MONALISA - EDZINA

VARIEDADES EXPERIMENTADAS (- VERMELHAS: Asterix, Bartina,
EM PORTUGAL (Cleopatra

(- AMARELAS: Berber, Concurrent,
(Frisia, Mansour, Obelix, Ukama,
(Van Gogh

DE ZPC: SOMOS A BATATA DE SEMENTE

Z.P.C. — PORTUGAL, LDA.
Apartado, 259
Telefax (034)311912
3800 AVEIRO

(Continuado da pág. 9)



MULTIPLANTA

Sociedade de Fomento Hortícola, Lda.

VIVEIRISTA

PÉPINIÉRISTE

MORANGUEIROS

ÚNICOS DETENTORES PARA PORTUGAL DAS MARCAS REGISTRADAS DAS SÉRIES DOUGLAS® E CHANDLER®

(LICENÇA ZANZI-ITÁLIA)

ACTINÍDIAS (KIWIS)

OUTRAS ESPÉCIES FRUTÍCOLAS

VIVEIROS DE MORANGUEIROS DE ALTITUDE NA SERRA DA ESTRELA

PRODUTORES E EXPORTADORES

TELEF. 42197

3060 CANTANHEDE

tico (polietileno). A seguir, os sacos devem ser acondicionados em «caixas de cartão». As alfaces repolhudas são dispostas nas caixas em duas camadas «cabeça contra cabeça».

As «alfaces romanas» podem acondicionar-se na posição de deitadas.

As alfaces destinadas à comercialização devem apresentar-se inteiras, sãs, sem folhas sujas, nem tingidas e sem evidenciarem qualquer início de formação da haste floral.

Quando se destinam a exportação devem ser agrupadas em duas categorias:

- I — BOA QUALIDADE
- II — QUALIDADE CORRENTE

As alfaces podem manter-se em perfeitas condições durante cerca de 3 semanas, quando conservadas em câmara frigorífica, mantida a uma temperatura de 3° c.

FIM

CULTURA DO FEJJOEIRO

1) INTRODUÇÃO

Atendendo a que a cultura do feijoeiro é também de grande interesse para os Senhores Horticultores, achamos por bem, tecer algumas considerações sobre ela e, sobretudo, do modo como deve ser feita em estufa.

2) BOTÂNICA E FIOLOGIA

Pertence à família das leguminosas e tem o nome botânico de «PHASEOLUS VULGARIS». É uma planta anual e herbácea. O sistema radicular é constituído pela raiz principal e por numerosas raízes secundárias bastante ramificadas. Raramente ultrapassa 30 centímetros de profundidade.

O caule é herbáceo, pode ser trepador, ou de dimensões mais reduzidas. Neste caso não vai além de 30 a 50 centímetros de altura, enquanto que as variedades do tipo trepador poderão atingir 2 a 3 metros.

A forma, coloração, dimensões e consis-

e) Esclerotinia: — No ataque inicial desta doença nas folhas mais velhas produz-se uma murchidão lenta, que vai progredindo até afectar toda a planta.

Em seguida aparece um micélio semelhante a algodão no caule a princípio ao nível do terreno e depois estende-se para cima. Na fase final formam-se escleróticos.

Para combater esta doença aconselhamos a utilização do DEROSAL, com uma dosagem de 100 gramas em 100 litros de água em pulverização a alto volume.

16) PRAGAS

As principais pragas que costumam atacar as alfaces são:

- a) Piolho ou pulgão
- b) Lesmas e caracóis

a) Pulgões ou piolhos: — São insectos que absorvem os sucos vegetais. Os pulgões localizam-se principalmente na página inferior das folhas e nas partes mais tenras.

O seu combate deve ser feito num sentido preventivo para evitar das origens a viroses. Para isso e quando as alfaces estão normais, isto é, sem as folhas enroladas, poderão utilizar o DECIS numa dosagem de 50 cúbicos em cada 100 litros de água aplicada em alto volume.

Quando as folhas se encontrarem enroladas devido ao ataque dos piolhos, ter-se-á que usar um insecticida sistémico no género do DIGOR numa dosagem de 100 centímetros cúbicos em 100 litros de água, aplicados em pulverização a alto volume.

b) Lesmas e caracóis: — As lesmas e caracóis podem causar graves prejuízos na cultura da alface sobretudo dentro das estufas.

Para o seu combate aconselhamos a utilização do HOSLIMA em iscos granulados.

17) PREPARAÇÃO PARA O MERCADO

As alfaces antes de serem postas no mercado devem sofrer algumas preparações tendo em vista dar-lhes um melhor aspecto para facilitar a comercialização.

Assim, um dos processos consiste na introdução de cada planta num saco de plás-

estrela adubo
FÁBRICA DE ADUBOS ORGÂNICOS, LDA
ADUBO CORRECTIVO ORGANOQUÍMICO

Composição:		Atividade microbiana
Nitrogénio (N)	20 a 30	1.5 milhões por grama
Matéria orgânica (M)	20 a 30	
Acidez total - m (pH)	2.4 a 3	
Fósforo P ₂ O ₅ (%)	2 a 6	
Potássio K ₂ O (%)	1.5 a 3	
Calcio - Ca (%)	20 a 30	
pH	6 a 7	
C.N. 17 a 25		

ESTAMOS DESENVOLVENDO A MINHOCULTURA
CONSULTE-NOS
Est. Nac. N.º 2 MUNA - LORDOSA
Telex 53386 Adubo P
Tel. (032) 91282 - 91283
Apart. 46 Vizeu 3500 VISEU

50Kg. KILOS

tência das vagens dependem das variedades.

Quando o feijoeiro é cultivado em estufa, o tempo que medeia entre a sementeira e a colheita poderá ser de 90 a 120 dias para as variedades anãs e 110 a 150 dias para as de trepar.

3) SOLOS

Os terrenos mais aconselhados para a esta cultura são os ligeiros pouco compactos e de textura areno-argilosas. Não obstante poder ter produções razoáveis noutros solos desde que não sejam excessivamente argilosos, muito valcáreos, ou demasiado salinos.

Sofre com terrenos encharcados. O pH ideal varia de 6 a 7,5.

Os terrenos ricos em cal podem provocar cloroses e até nanismo dando origem a vagens de má qualidade e com a formação de fios.

Os elevados teores de boro prejudicam as produções.

4) CLIMA

O feijoeiro é uma planta que prefere ambiente húmido e temperaturas suaves. Apesar disso, as melhores produções têm lugar em zonas de climas quentes com amplitudes térmicas pequenas.

Necessita de 60 a 70% de humidade relativa no ambiente e tem muito interesse que a humidade permaneça o mais estável possível ao longo de todo o seu ciclo vegetativo.

- Temperaturas críticas para o feijoeiro:
- Paragem de desenvolvimento — 8° a 10° c

- Germinação:
- a) Temperatura mínima — 12° c
- b) Temperatura óptima — 15° a 25° c
- c) Temperatura máxima — 30° c
- Desenvolvimento vegetativo:
- a) Temperatura mínima — 10° a 12° c
- b) Temperatura óptima — 18° a 30° c
- c) Temperatura máxima — 35° a 40° c

(Continua no próximo número)

TECNICANTO

ESTUFAS E EQUIPAMENTOS
SISTEMA DE REGA E AQUECIMENTO
SEMENTES E AGRO-QUÍMICOS
ALPORQUES, BOLBOS E ESTACAS
MOTORES E ALFAIAS AGRÍCOLAS
PLÁSTICOS E PERSINTAS
TELAS E FIOS
MÁQUINAS PARA FLORES E OUTROS

DIRECÇÃO TÉCNICA:
ANTÓNIO MANUEL DA ROCHA LEBRE
eng.º téc.º agr.º

MORADA: TELEFONE:
Rua do Sul (034) 32 12 91
Gafanha de Aquém
3830 ILHAVO

DOIS PESCADORES MORREM À SAÍDA DA BARRA

No dia 18 de Dezembro, virou-se um barco à saída da barra, tendo morrido dois pescadores fangueiros.



Ascânio Graça do Vale



Rui Alberto Santos Graça

Desde há anos os pescadores da nossa terra estão a ir para o mar através da Foz e no regresso entram de novo no rio Cávado até Fão. Alterou-se assim a tradição de se guardarem os barcos junto à praia que era igualmente o ponto de partida para a saída da pesca.

Pois naquele dia, um domingo ao princípio da tarde, partiu para o mar o barco «Água Viva», levando como tripulantes Ascânio Graça do Vale, casado, de 50 anos, seu filho Rui Alberto Santos Graça do vale, de 22 anos, e ainda Carlos da Silva Ferreira, solteiro, de 33 anos, todos a morar no Bairro dos Pescadores.

O mar estava vivaço, propício para a pesca do camarão. Ainda na chamada zona da «pancada», o motor bateu num banco de areia e a embarcação ficou à deriva. Veio uma vaga e depois outra e o barco virou, sendo os três tripulantes lançados ao mar. Os pescadores «têm pé» e por alguns momentos abraçam-se em cacho. O Ascânio está ferido na cabeça. Num repente o cacho desfez-se, talvez pela acção da correnteza das águas e apenas o Carlos consegue chegar a terra. Os outros dois companheiros desapareceram na voragem do mar. Quer o pai quer o filho nadavam razoavelmente. O Ascânio, cuja autópsia revelou morte por afogamento, deve ter ficado aturdido com a pancada e não teve forças para se salvar. O filho deve ter ficado exausto por nadar contra a maré e também sucumbiu.

Isto passou-se a poucos metros da praia perante a angústia de centenas de pessoas que impotentes assistiram a toda a tragédia. O corpo de Ascânio foi recolhido por um barco de Fão, pertencente ao António Carneiro que poucos minutos após ocorreu ao

local. Compareceram ainda os Bombeiros de Esposende e o barco salva-vidas que já nada puderam fazer. Tudo se consumara em poucos minutos.

O inditoso Rui Alberto que nem era profissional da pesca e apenas quis fazer companhia ao pai, apareceria no domingo seguinte, junto ao pontão da nossa praia. O seu enterro, bem como o de seu pai, constituiram fortes manifestações de pesar.

Recomendaram-nos várias pessoas que ao fazermos a notícia solicitássemos das autoridades a obrigatoriedade do colete salva-vidas a todos os pescadores que demandem a barra. O pedido aqui fica expresso na certeza de que muitas mortes se teriam evitado se tal costume estivesse bem arreigado na classe piscatória.

A família enlutada, e de um modo especial à viúva duplamente ferida na sua qualidade de esposa e mãe, o nosso profundo pesar.

P.S. — A solidariedade dos fangueiros fica-se apenas num acompanhamento ao cemitério?

AGRADECIMENTO

A família dos malogrados pescadores Ascânio Graça do Vale e Rui Alberto Santos Graça da Silva, tragicamente mortos no dia 18 de Dezembro, muito reconhecida, vem agradecer todas as provas de carinho e solidariedade que lhe foram dispensadas bem como a assistência à missa do 7.º dia celebrada por intenção dos seus entes queridos.

DESASTRE COM CAVALO

Quando seguia montada num cavalo, em passeio pelo pinhal de Ofir, deu uma queda de que resultou a morte.

Foi no dia 26 de Dezembro. Rosa Pereira Ferreira, esposa do nosso conterrâneo dr. Mário Jorge Pereira, advogado em Cascais, aproveitou a sua estada em Fão, na companhia do marido para dar um passeio a cavalo. Em má hora o fez. A montada, ou porque se assustasse ou por outro qualquer motivo, espantou-se e começou a correr a galope. Desafortunadamente a cavaleira desequilibrou-se, caiu e bateu com a cabeça no chão.

Ficou um tanto atordoada e à cautela foi conduzida ao Hospital de Barcelos. O seu estado não apresentava sintomas graves mas à cautela também foi ao Hospital de S. João, Porto, para fazer um TAC. Isto foi no dia 27 e em 29 faleceu.

Foi sepultada na Figueira da Foz de onde era natural.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORAM NESTE NÚMERO

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Paulo Augusto
Paulo Serafim
Sereia
Tânia Gonçalves

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 500\$00

A cobrança de «O Novo Fangeiro» através dos Correios será por conta do assinante.

CDS AGITA-SE

A Comissão Concelhia do CDS retirou a sua confiança política ao Eng. Pedro Marques, vereador da Câmara Municipal.

Apesar da falta de confiança revelada, este edil poderá manter-se na veredação camarária como independente.

Será que esta «sanção» vai dividir aquele partido ao meio? Será o princípio do fim no CDS concelhio?



O tempo o dirá.

LongaVida



o que é bom da natureza

NOVA GERÊNCIA


Calatrava
albergaria ★★★★★ 

Gasthaus ★★★★★
Bed and Breakfast ★★★★★

Rua M. Fiúza Júnior, 157 - Telef. 22011-27434 - Telex 33331 Latrav - 4900 VIANA DO CASTELO

PRIMEIRO CENTENÁRIO DO P.e ALAIO

CORAL DE FÃO, MAIS UM ÊXITO

Como deixamos dito já, Fão associou-se às homenagens que o Orfeão de Braga resolveu prestar ao seu fundador e director artístico, o nosso conterrâneo P.e Manuel de Carvalho Alaio, por ocasião do seu aniversário.

No dia 7 de Dezembro, data do seu nascimento, celebrou-se missa na Matriz em sua memória. Em 17 do mesmo mês os elementos do actual Orfeão de Braga vieram de romagem ao cemitério de Fão para prestar sentida homenagem ao seu fundador. Na noite desse mesmo dia juntaram-se os dois coros, o de Braga e o da nossa terra, para uma actuação na Igreja Matriz, dirigidos respectivamente por dr. Duque e maestro Manuel Borda.

O coro de Fão apresentou vinte e uma senhoras e catorze cavalheiros. O de Braga, dezesete homens e quinze damas. Os dois conjuntos assemelharam-se no aperfeiçoamento das vozes, havendo uma maior resso-

nância masculina, por parte de Braga e maior ênfase das vozes femininas, da parte de Fão. Nós tínhamos dois (ou duas?) sopranos e Braga, um.

Até aqui tudo muito equilibrado, mas depois veio ao de cima a força, a personalidade de cada maestro. O nosso conterrâneo é de facto um regente portentoso que segura os naipes com firmeza, fá-los avançar com decisão, em melodias cruzadas ou paralelas, ora atingindo culminâncias de forte sonoridade para depois quebrar em ritmo progressivamente fenecente.

A autoria das músicas foi diferente. No grupo de Fão predominaram trechos de Manuel Borda. De salientar o «Bendito» do P.e Alaio a que a multidão respondeu dolente e arrastadamente: «Fruto do ventre e sagrado...». O conjunto de Braga apresentou autores variados.

Deve dizer-se que o orfeão bracarense fez-se ouvir igualmente com muito agrado.

Findo o reportório, os dois grupos entoaram em conjunto «Natal, Natal» de Manuel Borda, sob a batuta do seu autor. Foi um delírio naquele templo. Um delírio e um prazer. Dizia-nos uma senhora passados tempos: «Não me importava de estar a ouvi-los toda a noite».

Entre os assistentes encontrava-se a Presidente da Câmara, Prof.^a Laurentina Torres que, a pedido dos responsáveis fangueiros, colocou uma fita no estandarte do Orfeão de Braga. A velha fidalguia.

Estava bastante gente mas não tanta que correspondesse à grandeza do espectáculo e à figura do homenageado. O P.e Alaio era Alguém em Braga e um verdadeiro ídolo em Fão. O seu enterro foi o maior de todos os tempos.

Mas está morto. Já passou muito tempo. Não deixou família e... sic transit gloria mundi.

Por nós agradecemos a amabilidade do convite e cremos que fizemos jus ao mesmo: embora tivéssemos almoçado nesse dia no Ribatejo e assistido a uma festa da Nestlé, em Avanca, ainda chegámos a tempo de ouvir a Saudação do P.e Avelino que evocou a figura do P.e Alaio e agradeceu aos bracarense a gentileza da sua actuação naquela noite.

DA ALEMANHA PARA FÃO COM APOIO ROTÁRIO

Por intermédio do Rotary Club de Esposende a Benemérita Associação dos Bombeiros de Fão foi contemplada com um carro auto-bomba, marca Mercedes, em muito bom estado, oferecido pelo município de Crevenbroich, da Alemanha.

A entrega oficial realizou-se no dia 9 de Dezembro, no decorrer de uma reunião do Rotary de Esposende. Presente a Direcção dos Voluntários de Fão, o seu Presidente da Assembleia Geral, P.e Avelino Borda, o Comandante Fernando Pilar, o dr. Nogueira Afonso, em representação da Câmara, o Consul no Porto da República Federal Alemã, e quatro bombeiros da Alemanha que trouxeram a viatura.

Refira-se que é já o segundo carro que os rotários conseguem, sempre por intermédio do associado Bising, que tem nacionalidade germânica. O primeiro foi trazido por um casal de noivos e destinados aos Bombeiros de Esposende.

O Presidente do Rotary, João Francisco Domingues narrou aos presentes a viagem tormentosa vivida pelos bombeiros da Alemanha. O primeiro precalço sucedera em Paris. Vinham duas viaturas. Uma que era o pronto-socorro. A segunda tratava-se de uma carrinha, novinha em folha, que se destinava a levar o pessoal de volta à Alemanha. Pois esta última viatura resolveu sofrer uma pane na Cidade Luz. Os dois carros desconstruíram-se por isso e só ao fim de duas horas se verificou o reencontro. Entretanto o comandante de uma corporação, alertado, prestou-lhes toda a assistência, possível, inclusivé, dormida, comida e conserto da viatura.

Depois, pelo caminho, a comitiva alemã voltou a perder-se, ou antes, a desviar-se. Viram um letreiro com a palavra *Portugal*, seguiram a seta e foram dar a Quintanilha, Bragança. Aqui foi os diabos! O zeloso Chefe da Alfândega não achou os «papeis» em

ordem e não queria deixar entrar o carro auto-bomba. Gera-se discussão, os alemães gritando em alemão, os portugueses ripostando em português vernáculo, até que a páginas tantas entra na fronteira uma camioneta com ocupantes naturais de... Esposende. Vejam só! Informados do que se estava a passar, foram ter com o Chefe de Alfândega e disseram-lhe: Meu amigo, ou o carro dos bombeiros vai conosco ou vai tudo raso! Claro que aquilo era só fumaça nas o zeloso funcionário acabou por se convencer.

Findo o relato, uma forte salva de palmas coroou a aventura dos loiros germânicos.

O repasto continuou. Intervieram vários oradores. Já na parte final os bombeiros da Alemanha abriram o albornoz e ofereceram lembranças aos seus colegas de Portugal: livros, distintivos, um quadro com a fotografia dos quatro bombeiros, um machado, cordas e um capacete. Quer dizer: deram um carro, vêm trazê-lo e ainda oferecem prendas.

DESEMBARGADOR DR. JOSÉ RAMOS DA FONSECA

Foi elevado à categoria de Desembargador o nosso amigo, dr. Ramos Fonseca que desempenhava as funções de juiz no Tribunal de Trabalho do Porto.

Este magistrado continuará a exercer funções na área do Porto onde há muito se encontra radicado.

As nossas saudações.

Gera-se um mal estar na sala. E agora? Estariam os de Fão preparados para aquela surpresa? Por acaso estavam, sim, senhor. A rapaziada de Fão começou a abrir também o saco e de lá saíram, distintivos, placas, flâmulas, capacetes em miniatura e um capacete a sério. Estava salva a honra da terra. Foi uma resposta à Fão.

E tudo terminou em bem. Mais que uma festa rotária, foi um convívio luso-alemão.

NATAL EM FÃO

Parece que em algumas instituições de Fão se comemorou a quadra do natal com jantares especiais.

Os Bombeiros iluminaram o poste da falecida parabólica.

Por sua vez os irmãos Matias, sempre bairristas, sempre dedicados, sempre a pensar na sua terra, levantaram um presépio muito bem conseguido no Templo do Bom Jesus. Foram à Embaixada de Israel e conseguiram uma fotografia aérea de Jerusalém. Com base nesta, fizeram um painel ou uma maquete lisa, imitando com bastante aproximação aquela cidade à noite. Serviu de pano de fundo a um presépio simples que apenas tinha o Menino, S. José e Nossa Senhora, dois animais, alguma palha, e a respectiva cobertura. Muito simples e por isso muito sugestivo.

A iluminação do templo apresentava-se estrelada como competia à época que se vivia. Mais uma invenção sua (deles).

Estivemos ainda a ver o órgão electrónico que o mano Casimiro trouxe para o Coro e onde se deleita a acompanhar as missas de Verão. Bairristas de alto gabarito.

AVENÇA



PORTE
PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO